



Reconhecimento, Participação Política E Mercado Étnico: Lideranças Quilombolas e o Empoderamento Feminino¹

Divânia Cássia Costa da SILVA²
Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, AL

Resumo

Este artigo apresenta uma discussão sobre a relação entre os processos políticos e as lideranças quilombolas. A pretensão aqui é entender como as transformações sociais, ocorridas dentro do arcabouço político estruturado nas últimas décadas no país, podem ter se configurado enquanto oportunidades políticas, sobretudo para a constituição e inserção de lideranças quilombolas em novos espaços sociais. Aliado a tais transformações estruturais, entender como essas líderes mulheres se apropriam de saberes e habilidades acumuladas em suas trajetórias e as reconvertem em recursos sociais e políticos. Acredita-se aqui que, as lideranças femininas da Serra das Viúvas desenvolvem por meio de suas lutas identitárias, estratégias de projeção social e política que por sua vez, lhes conferem visibilidade dentro e fora da comunidade. Assim, por meio de questionários e entrevistas abertas, este artigo demonstra que as lideranças femininas da Serra das Viúvas desenvolvem por meio de suas lutas identitárias estratégias de projeção social e política, em meio a arenas de disputas de poder, que por sua vez, lhes conferem visibilidade dentro e fora da comunidade. Desse modo, essas lideranças demonstram conectar e reconverter diferentes conhecimentos e técnicas adquiridas em suas vivências para compor suas lutas políticas em torno do reconhecimento identitário e social. Essas mulheres demonstram também, agregar novos conhecimentos e formas de agir, a partir da inserção de algumas de suas lideranças em novos espaços sociais. Constata-se assim, que por meio de seu artesanato étnico, essas lideranças acionam diversificados recursos e habilidades e os reconvertem em estratégias políticas de empoderamento para diferentes inserções sociais.

Palavras-chave: liderança quilombola; reconhecimento; empoderamento feminino.

¹ Trabalho apresentado no GT 03 - Processos de identificação e desigualdades nas relações étnico-raciais, intergeracionais e de gênero do III Seminário Nacional de Sociologia, realizado de forma remota de 08 a 16 de outubro de 2020.

² Professora Adjunta da Universidade Federal de Alagoas-UFAL. E-mail: divaniacassia@gmail.com



Introdução

Este artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla acerca dos processos políticos e as participações coletivas intitulada: Reconhecimento, Mercado Étnico e Participação política: A Questão Quilombola e a Comunidade Serra das Viúvas, em que busco relacionar as transformações estruturais no arcabouço político brasileiro e as diversificações no repertório de ações políticas dessa comunidade. Desse modo, trago para este artigo, uma discussão mais focada nas lideranças desse coletivo e suas formas de agir em torno de seus bens simbólicos, o artesanato étnico, em meio a disputas políticas e projeções por espaços de poder.

A comunidade Serra das Viúvas, situada no sertão alagoano possui mais de 100 famílias, a maioria liderada por mulheres lavradoras, extrativistas e artesãs, que fazem dos produtos derivados de recursos naturais seus sustentos e de suas famílias. Em 6 de outubro de 2009, receberam da Fundação Cultural Palmares (FCP) o certificado de autorreconhecimento. Em finais da década de 1990, início dos anos 2000, como resultado de estímulos externos, as mulheres da comunidade decidiram se organizar para desenhar um empreendimento comunitário que sistematizasse a produção e comercialização do artesanato. A iniciativa é liderada por Marlene e Belinha, filhas de dona Maria Isabel (Mãe Bela). Assim, a comunidade local fundou, em 16 de outubro de 2010, a Associação de Mulheres Artesãs Quilombolas Serra das Viúvas (Amaqui), cuja sede funcionava inicialmente, na casa de farinha de Mãe Bela. Essas mulheres se referem aos objetos confeccionados para a venda em termos de “artesanato quilombola”.

Com efeito, este artigo está pautado numa discussão teórica maior quanto ao reconhecimento e justiça social (AXEL HONNETH, 2003; RENAULT, 2004; TAYLOR, 1992, 1994; SANDEL, 1982; WALZER, 1983; YONG, 2000), como também nas discussões teóricas em torno da participação política e processos políticos (MCADAM, 1996; TILLY, 1996; TARROW, 2013; DIANI, 1992). Este estudo partilha do ponto de vista teórico de que há uma redefinição dos limites relacionais e identitários entre esses atores, quando submetidos a possíveis situações conflitivas e adversas, de modo que se constroem alternativas a tais modificações conjunturais (TILLY, 1996; DIANI, 1992).

Esta pesquisa se apoia em estudos sobre comunidades negras rurais, remanescentes quilombolas, movimentos sociais e participação política (ARRUTI, 2006; ANJOS, 2008; BOYER, 2009; LEITE, 1999; ALMEIDA, 2004; MELLO, 2019;



NEVES, 2005; 2018; 2019; RAMOS, 2009) que sugerem ter ocorrido no país, nas últimas décadas, uma reconfiguração do arcabouço estatal, de modo que as condições favoráveis promovidas pelo Estado refletiram em contextos de oportunidades de inserção política e social para esses grupos organizados (LEITE, 2000). Historicamente, os movimentos sociais em torno de lutas por reconhecimento e de mobilizações em busca de garantias materiais e redistributivas travam um embate conflitivo com o Estado. Normalmente, somente por meio dessas lutas que tais grupos conseguem garantir seus direitos ao reconhecimento político e identitário, bem como, em muitos casos, também direito à redistribuição de bens materiais.

Tornou-se assim, importante para este artigo, entender as circunstâncias nas quais estão inseridos esses atores, objetivando identificar possíveis relações causais entre fatores diversos e adversos envolvidos nessa realidade em transformação. Seguindo tal lógica, este estudo aponta para conexões entre seus pertencimentos étnicos e territoriais e suas movimentações políticas em torno da justiça social. Assim, a preservação do território da Serra das Viúvas é estratégica, sobretudo para manter as diferentes dinâmicas grupais responsáveis pela coesão e preservação desse coletivo, como é o caso de seu artesanato local. Embora existam circunstâncias conflitivas em torno da terra, o grupo apresenta estratégias eficientes de manter suas mobilizações identitárias e ainda, reafirma-se diante de seu território reivindicando dessa forma, seus espaços de pertencimentos culturais.

Saberes, Recursos e Origens sociais: Mobilização Política e a Liderança Feminina na Serra das Viúvas

A liderança feminina é notória na realidade coletiva da Serra das Viúvas. O destaque aqui não se resume ao fato de serem elas, as artesãs, responsáveis pela Amaqui, mas também serem responsáveis pelas diretrizes das ações políticas da comunidade. Portanto, torna-se importante para este artigo entender as lógicas envolvidas nas diretrizes propostas por essas lideranças em seus repertórios de luta por reconhecimento étnico e racial. Desse modo, é preciso pensar como a ação coletiva reflete nas condutas individuais e na produção e reprodução da vida cotidiana destes atores sociais. Pensar, ainda, de que forma possíveis retribuições simbólicas e materiais são acessadas por essas lideranças.



Frequentemente, estudos sobre a questão de gênero, mais precisamente voltados para as participações políticas de mulheres em mobilizações sociais, apontam para uma relação entre domínios de saberes e empoderamento feminino (CRENSHAW, 2002; NEVES, 2019; TUBALDINI, 2010). A presença de certo grau de invisibilidade presente nesses espaços envolve questões relativas a mulheres marginalizadas por seu gênero, cor, etnia, religião. Ao mesmo tempo, estar inserida em tais circunstâncias pode fornecer trunfos, saberes, conhecimentos que direcionam para certo reconhecimento e *status* diferenciado.

Ao analisar a gênese da Serra das Viúvas, foi possível se apropriar de informações que podem contribuir com algumas compreensões sobre o lugar que a mulher ocupa hoje nesse grupo. Por meio dos relatos orais, ficou evidenciado desde cedo que a presença de mulheres sempre foi majoritária. Do total de entrevistas e questionários aplicados na comunidade, menos de 10% foram com homens. Não só pelo fato de serem minoria na comunidade, mas também por demonstrarem certos constrangimentos em conversar com pessoas estranhas ao grupo. Nesse sentido, é importante frisar que a grande maioria dos homens da comunidade desenvolve trabalhos fora do município e também do estado, no que popularmente é conhecido como “trecho” – trabalham no trecho. Não saberia relacionar de forma determinante se o número maior de mulheres do que de homens estaria relacionado às origens do grupo. No entanto, é possível fazer algumas reflexões relacionais acerca dessa realidade:

Bom, essa sua pergunta... bom, eu vou respondê por mim. Num sei as outra, mas eu vou falá o que eu penso. Aqui derna dos tempo atrás de minha vó e minha bisavó, isso é que minha mãe me falava. Quando Lampião matou os home daqui, as muié teve que se virá. Foi tratá da cana e foi pro engenho. Num é?! Se não, como é que ia comer? Então, ela conta que, as veis, andavam o dia todo pra fazê o manejo da cana e das outra plantação dono do engenho, né?! Que era o avó de Maurício. Mais ela nunca deixou de fazer o artesanato e ensinar pra minha mãe e minha mãe ensinou pra gente e assim vai. Os mais jove vai aprendeno e passano. Isso eu digo é de minha vó (Entrevista com liderança da comunidade Serra das Viúvas, realizada durante trabalho de campo).

O fato de os homens terem sido assassinados pelos cangaceiros há décadas, segundo as memórias e relatos orais dos moradores da Serra, pode indicar a ressignificação que essas mulheres passaram a fazer de seus papéis nesse coletivo. Com a ausência súbita de seus companheiros e prováveis provedores de suas



subsistências, as poucas famílias residentes tiveram que reordenar suas lógicas de organização interna, de modo que as mulheres passariam a desempenhar um papel crucial na sobrevivência e resistência do grupo, ampliando seus afazeres para além dos limites caseiros. Os trabalhos na lavoura, na plantação e na colheita, no próprio engenho e, no caso da Serra das Viúvas, na produção do artesanato se tornam atividades inerentes às rotinas dessas mulheres. Desse modo, o empoderamento dessas líderes quilombolas se liga às suas referências históricas, na medida em que constituem uma trajetória de luta e contraposição dos espaços de invisibilidade, opressão e desigualdade (CRENSHAW, 2002).

Assim, as articulações entre interdependências e conexões sociais tornam o fenômeno da participação política passível de ser analiticamente apreendido. Enfatizar as ligações entre mudanças na organização estrutural da sociedade e mudanças na estrutura do comportamento nos leva ao entendimento de que as interdependências nas quais os indivíduos estão inseridos também fazem parte da formação das estruturas interiores da personalidade (ELIAS, 2001). Com isso, as internalizações que as mulheres da Serra das Viúvas fizeram a partir de suas experiências pessoais, em meio às circunstâncias estruturais nas quais foram envolvidas, permitiram uma construção perceptiva acerca do mundo e da vida que vai lhes aproximando do *status* de liderança quilombola que hoje ocupam no grupo.

Desse modo, circunstâncias peculiares em relação às origens da comunidade fornecem pistas sobre os posicionamentos sociais e políticos que essas líderes mulheres passam a assumir dentro e fora dos limites do grupo. A partir do momento em que as mulheres se inserirem em outros espaços, diferentes relações sociais e políticas passam a fazer parte de suas vidas. Com tais inserções variadas, elas agregam em suas trajetórias conhecimentos e habilidades que só foram possíveis em detrimento de mudanças em suas condições objetivas. Com essas entradas em novos espaços de convívio e trabalho, as mulheres da comunidade ampliam, ainda que em alguns momentos de forma involuntária, suas redes de amizade.

Com isso, as mulheres da Serra das Viúvas, ao longo de suas trajetórias, envolvem-se com movimentações sociais e políticas variadas. Desde seus envolvimento com associações e sindicatos rurais, elas também tomam a frente da construção da própria sede das associações da comunidade, tanto a de moradores de forma geral, que foi a primeira ser constituída, quanto a construção da Amaqui.



Além disso, as lideranças femininas se inseriram em mobilizações políticas direcionadas para seu reconhecimento quilombola e também lideraram ações de caráter reivindicatório redistributivo. Estudos sobre populações rurais e os espaços de lideranças femininas (NEVES, 2019; TUBALDINI, 2010) têm demonstrado que existe uma relação entre o ativismo dessas mulheres nos processos mobilizatórios dos movimentos sociais no campo e o seu envolvimento em demandas redistributivas, as mudanças nas relações de poder em espaços públicos e em seus círculos de convívio mais pessoais. Com efeito, elas vão ocupando por meio dessas ações posicionamentos que as projetam dentro do grupo como pessoas que demonstram “competências” para a comunidade alcançar o sucesso de lutas travadas.

Essas competências e habilidades – muitas conferidas a partir de suas vivências culturais e sociais – objetivamente passam a ser reconvertidas em recursos sociais, quando as oportunidades políticas contribuem com certas flexibilizações das circunstâncias em torno do grupo. Durante os últimos anos de desenvolvimento da comunidade, as lideranças femininas abraçaram diferentes lutas sociais. Nesse bojo de mobilizações políticas, as lutas em torno da reivindicação identitária da comunidade como remanescente de quilombo se destacaram como um eixo norteador de suas movimentações em torno de outras dimensões da vida da comunidade.

O processo de reconhecimento político da categoria identitária quilombola e o processo de institucionalização do artesanato por meio da Amaqui, embora ocorram em momentos distintos, coexistem em suas interdependências. Com a amplitude das movimentações do grupo em torno do reconhecimento quilombola, ele passa a perceber essa “diferença identitária e étnica” como uma forma de lhe conferir “*status* social” junto a instituições e grupos diversos. Essa percepção em torno de sua apropriação de autorreconhecimento é transferida também para seu artesanato étnico:

Assim, o nosso artesanato sempre foi importante. A gente sempre foi conhecida aqui como as artesãs da Serra. Mas, quando a gente virou quilombola, aí já muda um pouco, né?! Assim, eu quero dizê que agora o artesanato, também é quilombola. Então, você sabe, né?! Essas coisas ficam diferentes. Essa coisa de sê de uma comunidade tradicional, né, é assim que se diz, né?! E aqui, sê uma comunidade tradicional e quilombola, então isso só trais mais valor pras peças (Entrevista com liderança da comunidade Serra das Viúvas, realizada durante trabalho de campo).



Ao reconhecer a importância de uma atribuição categorial para a projeção do artesanato local, a liderança confere um significado de conexão entre esses processos. Ao passo que a comunidade se aproximava da efetivação institucional de sua Associação de Mulheres Artesãs Quilombolas (Amaqui), colocava para o grupo a importância de definir um enquadramento categorial para si; processos que se desenvolveram de forma relacional, no sentido de interdependentes e coexistentes. Desse modo, no caso da Serra das Viúvas, tornar-se quilombola significou, sobretudo, tornar-se “quilombola artesã”.

Essa dinâmica de *status* categorial que se projeta nas diferentes dimensões do grupo é condizente com uma atmosfera de etnodesenvolvimento em que as interconexões entre diferentes esferas sociais acontecem (STAVENHAGEN, 1984). Isso significa que a preservação e a autonomia dessas comunidades não sugerem isolamento ou rupturas com as realidades próximas, mas, antes, esses coletivos precisam a partir de suas frequentes e variadas inserções sociais desenvolver estratégias de interação junto a esses novos atores. O que precisa ser pensado por parte do grupo étnico é quais interações devem ser feitas, com quais grupos e instituições e para quais finalidades. Assim, as aproximações ou mesmo distanciamentos podem definir suas possibilidades de se projetar em novos espaços de políticos e de poder.

Portanto, com suas interações com realidades diversas, essas lideranças acessam e internalizam diferentes conteúdos e experiências que irão compor seus repertórios de ações. Interpretam mudanças contextuais como oportunidades ou ameaças, negociam circunstâncias interpretativas que definem conflitos ou soluções e constroem estratégias para direcionar tais contextos (DIANI, 1992); ou seja, imersas nas transformações contextuais vigentes, as lideranças femininas da Serra assimilam e, a partir de seus conhecimentos e competências internalizadas, criam suas próprias percepções da realidade, bem como as estratégias de luta. Existe aqui uma compreensão por parte dessas mulheres de que essa simbiose entre artesanato e a categoria identitária quilombola, mais do que um reconhecimento étnico e racial, pode significar novas inserções sociais e políticas, além de ganhos materiais.

Nesse contexto, elas passam a unir um saber tradicional com novas técnicas de conhecimento. O que só foi possível, nesse caso, pela forma que essas lideranças entenderam e projetaram suas lutas em torno do reconhecimento cultural, o novo



enriquecendo o tradicional. Isso significa para elas a não descaracterização de seu trabalho artesanal. Os processos de reconhecimento quilombola e o de institucionalização do seu artesanato possibilitaram a essas mulheres artesãs e lideranças ressignificar suas heranças culturais e tradicionais, ou seja, no que diz respeito à perpetuação do “fazer artesanato”, houve o entendimento de agregar conhecimento e valor também a partir de processos inéditos ao grupo, resultantes de suas articulações com novos atores sociais. Essa percepção que elas passam a desenvolver do artesanato quilombola perpassa, inclusive, por possíveis ganhos simbólicos como *status* social ou mesmo ganhos distributivos.

Desse modo, o artesanato da Serra passa a se inserir em uma dinâmica de mercado de bens simbólicos (BOURDIEU, 1996; THOMPSON, 1995), onde passam a ter um valor de mercado quando projetados para além das fronteiras da comunidade, tornando assim, esse artesanato étnico um importante elemento de projeção e coesão do grupo. Assim, o grupo se movimenta em torno de seus pertencimentos étnicos e culturais orientados por meio de sua atividade artesanal que se torna uma fonte de renda alternativa, mas também estratégico trunfo em suas mobilizações políticas nas arenas de disputas por poder e influência social. Dessa forma, o *ethus* mercadológico em torno de uma categorização identitária e suas produções simbólicas, principalmente em torno do seu artesanato, deve aqui ser compreendido por meio das relações que a comunidade vai estabelecendo ao longo de sua trajetória enquanto quilombola.

Nesse sentido, trazendo ainda o artesanato como eixo norteador de vários processos internos ao grupo, sobretudo relacionados às suas lideranças femininas, faz-se necessário refletir sobre o significado que o artesanato passa a ter em relação a essas mulheres e seus próprios grupos familiares. Os impactos de suas posturas diante das demandas contenciosas ou de oportunidades. Muito interessante perceber como as lideranças femininas se projetaram dentro do grupo enquanto personagens de destaque, a partir de seus recursos sociais e saberes adquiridos em meio às suas inserções diversificadas. Interessante, também, é buscar relacionar tais projeções às suas vivências mais pessoais, no âmbito de seus círculos familiares. Quando questionadas sobre como os homens da comunidade enxergam o trabalho delas como lideranças e como artesãs, algumas líderes chegaram a demonstrar certos constrangimentos ou desinteresse em conversar sobre tal problemática:



Ah... os home daqui pássaro a respitá nós depois de tudo isso. Eles já respeitava. Mais, depois disso, eles viro que a gente tem força. Se num fosse a gente, num tinha saído esse reconhecimento, não. A nossa associação só foi nós, as mulhé da comunidade. Pra num dizê que não tem homi ajudano, tem um... [risadas] Verdade, tem um homi na associação. Mais foi nós que correu atrás de tudo. Até a igreja da comunidade foi nós que tomô a frente. Então, eles viro que a gente num tá pra brincadeira, viro que a mulhé tem força, né?! (Entrevista com liderança da comunidade Serra das Viúvas, realizada durante trabalho de campo).

A compreensão que essas mulheres expressam sobre o lugar do artesanato na comunidade revela também as percepções que possuem acerca de suas posturas dentro dos grupos de convívio mais pessoais. Elas afirmam existir na comunidade o que seria o reconhecimento dos homens em relação ao importante papel desempenhado por elas. Afirmam, também, a contribuição delas na manutenção e sobrevivência de suas famílias. Relatam, ainda, a importância de seus trabalhos para ajudar no desenvolvimento e permanência da comunidade. No entanto, quando tentamos extrapolar as fronteiras do coletivo para entender os impactos de tais posicionamentos de líder em suas relações mais pessoais, elas demonstraram posicionamentos de resistência e constrangimentos em relação a essa questão.

Ao se esquivarem de tais diálogos, aparentemente de cunho mais subjetivos e pessoais, as entrevistadas direcionavam as respostas sempre para o viés econômico, ou seja, o reconhecimento de seus trabalhos – sobretudo junto ao artesanato – traz uma contribuição material para a comunidade, que tanto elas quanto o resto do grupo fazem questão de salientar. Entretanto, o reconhecimento simbólico de suas atuações perpassa por outros processos mais complexos e multidimensionais, porque as ações individuais e suas diferentes formas de internalizações (BOURDIEU, 1998) precisam ser objetivadas, buscando entender os sentidos envolvidos nas ações desses atores em questão. Assim, a valoração de suas posturas enquanto líderes mulheres para a comunidade, está refletida em seus relatos por meio de vários exemplos de fatos coletivos pertinentes ao grupo.

No entanto, ao direcionar as questões para o reconhecimento dentro de seus espaços de convivência mais particulares, parece indicar não haver muitos indícios de reconhecimentos de suas posturas de liderança ou, ainda, parece ocorrer constrangimentos pelo fato de entenderem que as dinâmicas familiares e afetivas exigem outros tratos e habilidades que não necessariamente as acionadas por elas



no espaço coletivo maior. Além disso, pode haver formas próprias e peculiares de reconhecimento dessa liderança feminina dentro de seus vínculos mais particulares, que talvez os esquemas teórico-metodológicos em questão não tenham conseguido abarcar ainda. Assim, não é objetivo deste artigo se debruçar sobre as relações pessoais e afetivas dessas lideranças, apropriando-se de forma descontextualizada de suas subjetividades, retirando-as de um contexto mais objetivo; pois, compreende-se que a interconexão entre diferentes dimensões da vida e do mundo que tal problemática suscita envolve múltiplas diferenças e desigualdades (CRENSHAW, 2002; TUBALDINI, 2010).

Portanto, o que interessa a este estudo é buscar relações causais que nos ajudem a compreender as inserções dessas mulheres na condição de líderes e os seus impactos diante das diversas dimensões que as envolvem. Com isso, identificar o lugar ocupado por essas mulheres à frente de seus coletivos em mobilização não significa apontar mudanças estruturais profundas nos papéis de gênero tradicionais, em que a submissão feminina nos espaços privados ou mesmo públicos é a regra (NEVES, 2019). No entanto, é preciso reconhecer que os papéis assumidos por essas lideranças femininas são multifacetados e passíveis de ressignificações acerca de seus posicionamentos nas diferentes dimensões da vida.

Dessa forma, trilhar com equilíbrio a relação entre elementos da subjetividade em meio a circunstâncias objetivas exige foco no tipo de relação causal que se busca compreender. Quando as lideranças trazem exemplos concretos de como identificar suas contribuições e reconhecimento do desenvolvimento da comunidade, sobretudo redistributivo, demonstram a clareza que elas possuem acerca de seus papéis em nível de grupo. O que já não se traduz com tanta clareza quando se direcionam as mesmas reflexões para o nível mais interpessoal. Uma delas chega a mencionar que, pelo fato de ser homem, é preciso entender algumas posturas mais intransigentes. Pressupõem-se que existem desafios constantes nas trajetórias dessas mulheres que exigem por parte delas internalizações e ressignificações constantes de suas realidades. Como conectar diferentes conteúdos e saberes em suas práticas cotidianas. Como mediar conflitos e acordos em nível coletivo e entender o impacto de tal postura em dimensões mais particulares de suas vidas, pois suas identidades pessoais e coletivas resultam das interações nas mais diversas esferas sociais, inclusive familiares.



Nessa perspectiva, as formas de participação política das lideranças da Serra das Viúvas demonstram uma complexidade de fatores relacionados, pertencentes a esferas sociais diversas, inclusive familiar. Não se trata apenas de apresentar construções categoriais em torno dessas líderes, mas numa perspectiva mais transversal compreender de forma relacional os diferentes fatores envolvidos na constituição e sobrevivência desse grupo, inclusive por meio das ações de suas mulheres artesãs. Desse modo, o que parece acontecer é uma redefinição dos limites relacionais entre esses atores, de modo que a partir de possíveis situações conflitivas e adversas se constroem alternativas a tais modificações conjunturais. Essas lideranças indicam se apropriar, ao longo de suas trajetórias, de saberes e recursos diversos e os reconvertem em estratégias de ação para novas inserções sociais e políticas.

Lideranças Femininas, Mercado Étnico e Transformações na Comunidade Quilombola Serra Das Viúvas

Essa visibilidade na comunidade conquistada por essas mulheres, está diretamente relacionada às suas construções de percepções de mundo e de vida. Ao valorizar e preservar os conhecimentos tradicionais perpetuados por diferentes gerações, essas líderes mulheres conseguem dar sentido às suas reivindicações coletivas. Elas se tornam representantes de seus símbolos identitários, quando resguardam saberes tradicionais no âmbito religioso, artístico por meio do artesanato étnico e de suas danças características, ou ainda, por meio de seus conhecimentos de medicina popular onde se destacam as benzedadeiras, assim como, seus conhecimentos de ervas medicinais. Sendo assim, “elas tornam-se muito frequentemente lideranças comunitárias, senão no âmbito político, ao menos na esfera simbólica” (NEVES, 2019, pg. 98).

Desse modo, essas lideranças quilombolas por meio de seus saberes e habilidades herdadas por gerações de tradições étnicas, passam a desenvolver junto ao grupo, uma linguagem confiável e capaz de ser compreendida. As lideranças mais experientes se mostram mais habilidosas para conduzir diálogos e tomadas de decisão nos espaços internos da comunidade, sobretudo pela credibilidade e confiança conferida a essas mulheres ao enxergar nelas iguais pertencimentos culturais, sobretudo em suas formas comunicativas. Com isso, essas mulheres



quilombolas são investidas pelo grupo com o status de liderança por meio de suas habilidades diversas acumuladas ao longo de suas experiências de vida. Esses saberes e habilidades ligadas uma linguagem da herança tradicional, no caso da Serra das Viúvas se complementam com novos saberes advindos de novas inserções sociais.

Como demonstrado aqui, lideranças mais jovens se mostram, também guardiãs de seus pertencimentos culturais e identitários, no entanto trazem para essas formas de luta, novas possibilidades de reivindicação a partir de conhecimentos garimpados em suas trajetórias diversas como a trajetória escolar e as experiências políticas, por exemplo. Diante do entendimento da necessidade crescente de formas de resistência cerca das injustiças sociais e de precariedade em suas realidades (COUTO, 2002; NEVES, 2019), essas jovens mulheres quilombolas, ressignificam os conteúdos e experiências adquiridas fora dos espaços da comunidade para fortalecimento de suas estratégias de ação política. Então, a Serra das Viúvas compõe um repertório de mobilização composto por saberes e conhecimentos diversos advindos de apropriações feitas por essas mulheres numa simbiose entre o novo e o tradicional, conseguindo dessa forma, tanto se comunicar com o grupo ao qual pertencem por meio de uma linguagem étnica e cultural, mas também avançar em suas lutas identitárias e redistributivas.

Sendo assim, as transformações ocorridas na Serra das Viúvas, também perpassam por transformações simbólicas e, sobretudo políticas. Essas mulheres em suas diferentes gerações conquistam visibilidade junto ao grupo e a sociedade mais ampla, usando suas armas nessas arenas de disputas por poder. Conhecimentos étnico-culturais aliados a novos saberes permitem que essas lideranças e projetem nos espaços sociais e políticos, muitas vezes dominados pela figura masculina (TUBALDINI, 2010). Por meio das lutas por reconhecimento étnico e racial as mulheres da Serra conseguem trazer transformações sócio-econômicas para o grupo, mas também para suas próprias trajetórias enquanto mulheres artesã quilombolas. Assim, essas mulheres por meio de trabalho artesanal acabam tendo um papel simbólico e político de destaque no processo de construção e de consolidação das identidades quilombolas que por sua vez, estão relacionados ao acesso à terra e aos bens ofertados pelo Estado. A ascensão dessas mulheres enquanto líderes desse coletivo, indica serem o reconhecimento social e cultural aqui agregado ao um fazer



artesanato étnico, uma estratégia de empoderamento feminino possível somente em espaços de significações de pertencimentos culturais baseados no pertencimento étnico e racial (CRENSHAW, 2002).

Todas as habilidades, saberes e técnicas que elas vão acumulando ao longo de suas trajetórias permitiram que essas lideranças fossem se projetando dentro da comunidade ao mostrarem direcionamentos de ações e resultados para as demandas do grupo. Assim, faz sentido pensar em toda essa rede de relação e comunicação como espaço promissor para aquisição não só de novos recursos sociais, mas também de possíveis retribuições simbólicas e materiais. Ainda se referindo às aproximações relacionais criadas entre esses atores sociais, esta pesquisa indica haver garantias e ofertas ligadas a tais interações sociais. A aquisição, segundo os entrevistados, de cestas básicas, cisternas, material de construção e também material escolar, demonstra que os ganhos materiais envolvidos nessa dinâmica reivindicatória da Serra estão relacionados à melhora de suas condições de sobrevivência. Nos “tempos bons” ou “no tempo de Lula”, como denominam as entrevistadas, com o dinheiro que elas conseguiam nas feiras mais importantes ou com grandes encomendas, relatam com alegria a oportunidade de conseguir comprar, inclusive, eletroeletrônicos, como televisão, rádio, geladeira e celular.

Mesmo a comunidade ainda se encontrando em circunstâncias de desfavorecimento econômico e social, a pesquisa demonstrou que suas ações voltadas para o reconhecimento identitário, dentro de determinados contextos propícios, permitiram a conquista de alguns bens distributivos que podem ser entendidos como transformações em suas condições socioeconômicas. Dessa forma, os ganhos simbólicos e matérias que passaram a contribuir com as transformações identitárias e matérias do grupo ocorreram e continuam a ocorrer ao longo de sua constituição enquanto comunidade quilombola. Assim, o artesanato local vai se constituindo enquanto dimensão importante para ampliar essas ofertas e garantias, sem comprometer a coesão do grupo. Os usos que a comunidade faz de seu artesanato diretamente ligado à sua identidade quilombola apontam para reconversões sociais cruciais nessa obtenção de garantias.

Além de diversificar e ampliar as redes de contato que a comunidade possui, o artesanato étnico conferiu meios de superar alguns dos seus conflitos internos e, ainda, direcionar interesses diversos para objetivos comuns, como melhoria de suas



condições de vida. Dessa forma, o empenho de todos junto à produção artesanal local permitiu a obtenção, dentre outras coisas, de retribuições simbólicas e econômicas. A comunidade passa a ser conhecida cada vez mais e a ter um alcance ainda mais amplo. A diversificação em suas formas de produção e oferta de seus produtos artesanais permite não só conhecer e se aproximar de novos atores sociais, mas também receber melhores pagamentos por suas peças, como demonstrado em algumas entrevistas.

Assim, o artesanato vai se configurando como um eixo norteador de seus objetivos capaz de agregar diferentes desejos e interesses e, ainda, manter coesa a comunidade em meio a circunstâncias contenciosas. Toda essa rede de relações e de comunicação, que aproximou a comunidade de realidades antes não conhecidas ou mesmo difíceis de serem acessadas, projeta-se para o grupo como reflexo concreto das garantias institucionais. Isso porque coletivos sociais como esse são em parte um produto de mudanças em sistemas de políticas institucionalizadas, bem como produtores dessas mesmas políticas (MCADAM, 1996; TARROW, 2013).

A trajetória de formação e constituição da Serra das Viúvas enquanto comunidade quilombola – que envolve desde a aceitação de tal caracterização categorial por parte de seus moradores até a reestruturação de formas organizacionais internas – não deve ocultar suas dinâmicas e rearranjos desenvolvidos em meio aos conflitos envolvidos em tais processos. A comunidade não deve ser entendida como uma homogeneidade e consenso acerca de sua “identidade quilombola” ou quanto à sua “ancestralidade escravocrata”, questões já suscitadas anteriormente. No entanto, em meio às circunstâncias de não concordância e conflitos, o coletivo consegue desenvolver formas de convivência e organização que ao mesmo tempo atendem a um objetivo maior de adesão a uma categorização étnica necessária e também aos interesses mais pessoais e subjetivos de seus participantes.

A construção de uma consciência coletiva categorial para uma formação política e social reconhecida e garantida, institucionalmente falando, demonstra que a comunidade converge para o mesmo objetivo, em se tratando de garantias de direitos sociais, mesmo com entendimentos muitas vezes diferenciados. Desde questões complexas e delicadas – como o autorreconhecimento enquanto quilombola descendente de escravos ou mesmo se autodefinir como negro – até as históricas e conflituosas questões agrárias, a comunidade demonstra interessantes e dinâmicas



estratégias de coesão e continuidade, mesmo vivenciando tensões e discordâncias em relação a tais problemáticas. Agregar toda a comunidade em torno do artesanato, de modo que cada um, cada família tem um papel a desempenhar e um espaço a ocupar, parece ter sido a forma encontrada pelo grupo para se sobrepor aos conflitos e manter o coletivo coeso.

Todos esses elementos compõem a realidade na qual se assenta a comunidade hoje enquanto remanescente quilombola. A Amaqui representa uma organização em torno de lutas por reconhecimento étnico e de bens materiais, impactando em suas condições de desigualdade social e econômica. Parte-se do princípio de que as esferas econômicas e culturais se interconectam nas mais variadas e dinâmicas formas de constituição de ação coletiva ou luta por direitos sociais (YONG, 2000). Assim, o artesanato ressignificado enquanto artesanato étnico inserido num mercado de bens simbólicos, indica representar para a comunidade tanto o enfrentamento de seus conflitos internos quanto uma estratégia de enfrentamento das situações de constrangimento social e desigualdades materiais em meio a arenas de desiguais distribuições de poder. Desse modo, tais vínculos contribuíram para a redefinição das percepções a respeito das condições de manutenção e de sobrevivência do grupo, bem como a adesão à categoria quilombola como uma nova possibilidade de definição de vida desse coletivo.

Conclusão

Tem-se, assim, um cenário de movimentações estratégicas em torno de reafirmações de espaços de ação política e de poder, onde a Serra das Viúvas se projeta enquanto coletivo coeso em torno de seus pertencimentos identitários e territoriais. Dessa forma, a Serra das Viúvas se empodera de seus saberes e habilidades acumulados ao longo de suas experiências diversas e as reconverte em importantes trunfos nesse jogo de poder e autoafirmação. Com isso, a garantia dos direitos do grupo, inclusive agrários, passa prioritariamente pelo reconhecimento de sua condição identitária. Isso porque a identidade se define a partir de interações e diálogos com o outro e, por sua vez, com as expectativas e construções que esse estabelece em relação a nós, e por vezes em luta com tais “essencializações” identitárias (TAYLOR, 1994; HONNETH, 2003).

Desse modo, destaca-se aqui a ocupação do espaço de empoderamento por parte das mulheres da Serra das Viúvas enquanto lideranças. Os impactos de



transformações estruturais nos comportamentos e direcionamentos de ações coletivas levaram à constituição de recursos e habilidades acionados por essas lideranças em suas lutas políticas. Os seus saberes herdados e reproduzidos em gerações, associados a novos conhecimentos e técnicas adquiridos em novas experiências, somam-se à ampliada rede de relações, que permite a esse grupo inserções sociais e políticas cada vez mais vastas.

Assim, essas mulheres despontam em circunstâncias de empoderamento como líderes de demandas políticas e econômicas dentro de seu grupo. Esta pesquisa aponta então, para uma relação entre domínios de saberes e empoderamento feminino (CRENSHAW, 2002; NEVES, 2019; TUBALDINI, 2010). A visibilidade que essas líderes mulheres passam a ter dentro e fora de seus limites territoriais, está diretamente relacionada aos diversificados espaços sociais nas quais estão envolvidas. Sendo assim, estar inserida em tais circunstâncias, podem lhe fornecer trunfos, saberes, conhecimentos que lhe direcionam para um certo reconhecimento e status diferenciado.

Nesse caso, as lideranças estrategicamente conseguem manter as demandas relacionadas às lutas por reconhecimento dentro e fora das fronteiras da comunidade, mas de forma perspicaz também conseguem manter a coesão do grupo, permitindo alguns recuos, mesmo que temporários. Dessa forma, as lideranças da Serra passam a defender seus interesses coletivos por meio de diferentes projetos e classificações categoriais.

A comunidade encontra conexões entre diferentes dimensões de sua realidade para compor estratégias de mobilizações políticas e identitárias. Conhecimentos, saberes, técnicas e habilidades garimpadas ao longo de suas trajetórias, associados a contextos de garantias, permite que essas lideranças redirecionem seus possíveis conflitos para cenários de possibilidades. A comunidade assim, evidencia esse entendimento ao fortalecer seu artesanato étnico projetando-o fora dos limites espaciais da comunidade em meio eficientes movimentações políticas e sociais.

Desse modo, o artesanato local passa a desempenhar um papel crucial dentro desse coletivo quando permite a garantia de gratificações simbólicas como status, conhecimentos e habilidades inovadoras, bem como a possibilidade de garantias materiais e econômicas como o aumento da renda dessas famílias e até, o



acesso a produtos industrializados antes não possíveis de serem consumidos. Com efeito, o artesanato se projeta enquanto gatilho de orientações pessoais e coletivas em torno de lutas por reconhecimento e possíveis retribuições redistributivas.

O resultado dessas movimentações, que não podem ser entendidas aqui como “aleatórias” ou “desinteressadas” (GAXIE, 1977), são dinâmicas específicas de enfrentamento a diferentes formas de injustiça e constrangimentos sociais. No mesmo bojo dessas ações, o grupo entende que lutas por justiça social não inviabilizam movimentações por ganhos distributivos. E isso ficou evidenciado neste artigo quando, diante de circunstâncias de abertura ou ameaça, o grupo se apropriava de saberes e competências específicas às suas vivências para encontrar alternativas que o favorecessem. Os ganhos advindos dessas aproximações de atores e espaços variados vão desde ganhos simbólicos como *status*, novos conhecimentos, ampliação de redes de contato e reconhecimento, até ganhos materiais como cestas básicas, cisternas, dinheiro e material de construção.

Nesse sentido, significa afirmar que entre essas estratégicas alternativas se encontra o artesanato étnico, que passa a ser ressignificado a partir da aproximação do grupo com orientações mais mercadológicas. Não se trata aqui de verificar acertos e erros das escolhas desse coletivo, mas compreender os tipos de percepção que esses atores criaram de suas realidades. Desse modo, o artesanato étnico enquanto eixo de coesão da comunidade, demonstra estar em dinâmica e constante ressignificação, numa relação direta e multidimensional com suas lutas por reconhecimento identitário. A Serra das Viúvas, então, encontra no reconhecimento identitário étnico e cultural, atrelado ao fazer artesanal quilombola, uma estratégia de enfrentamento tanto de seus conflitos internos quanto das situações de constrangimento e desigualdade social.

Referências:

- ANJOS, Gabriele dos. **Liderança de Mulheres em Pastorais e Comunidades Católicas e suas retribuições**. Porto Alegre. Cadernos Pagu(31), julho/dez, 2008.
- ARRUTI, José Maurício. **Mocambo: Antropologia e História do Processo de Formação Quilombola**. Bauru, São Paulo, Edusp. 2006.
- BOURDIEU, Pierre. A Representação política. Elementos para uma teoria do Campo Político. In: _____. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.



BOURDIEU, Pierre. **É Possível um Ato Desinteressado?** In: _____. Razões Práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996, p.137-197.

BOYER, Véronique. **A construção do objeto quilombo. Da categoria colonial ao conceito antropológico.** In: Antropolítica. Niterói, n. 27, 2009, p. 131-153.

COUTO, Márcia Thereza. **Na trilha do gênero: pentecostalismo e CEBs.** Revista Estudos Feministas, vol. 10, nº 2, Florianópolis, 2002, pp.357-369.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.** Estudos Feministas, 1/2002.

DIANI, M. **The concept of social movement.** *The Sociological Review*, Keele, v. 40, n. 1, p. 1-25, 1992.

ELIAS, Norbert, **O Processo Civilizador**, 2 vols. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ENNES, Marcelo Alario. MARCON, Frank. **Das identidades aos processos identitários: repensando conexões entre cultura e poder.** Sociologias, Porto Alegre, ano 16, no 35, jan/abr 2014, p. 274-305.

GAXIE, D. **Économie des Partis ET rétributions do militantisme.** Revue Française de Science Politique, n. 1,v. 27, 1977.

HONNETH, Axel. **Luta por Reconhecimento: A Gramática Moral dos Conflitos Sociais.** São Paulo, Ed. 34, 2003.

LEITE, Ilka Boaventura. **Os Quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas.** Revista Etnográfica. Vol. IV (2). 2000. p. 333-345.

MELO, Nailma Rodrigues Vieira. **Juventude e território quilombola. O caso da Serra das Viúvas.** Ufal. Delmiro Gouveia-Al. 2019.

MCADAM, D.; TARROW, S.; TILLY, C. **To map contentious politics. Mobilization: An International Quarterly**, San Diego, v. 1, n. 1, p. 17-34, 1996.

MCADAM, Doug; TARROW, Sidney. **Movimentos Sociais e Eleições: por uma compreensão mais ampla do contexto político da contestação relação entre movimentos e política eleitoral.** Sociologias. Porto Alegre, ano 13, n. 28, set./dez. 2011.

NEVES, Paulo S. C. **Luta anti-racista: entre Reconhecimento e Redistribuição.** Rev. bras. Ci. Soc. vol.20 no.59 São Paulo Oct. 2005.

_____. **Reconhecimento ou Redistribuição: O que o debate entre Honneth e Fraser diz das lutas sociais e vice-versa.** Política & Sociedade - Florianópolis - Vol. 17 - Nº 40. P. 234-257- Set./Dez. de 2018.

_____. **A questão quilombola sob o prisma do gênero, ou como a busca identitária inverte lógicas do poder masculino: um estudo de caso.** Revista Fórum Identidades. Itabaiana- SE. Universidade Federal de Sergipe, v. 30, nº 01, p. 97-111, jul.-dez. de 2019.

RAMOS, Graciliano. **Cangaços.** Rio de Janeiro: Record, 2014.

RENAULT, Emmanuel (2004) **“Reconnaissance, Institutions, Injustice”** in: *Revue du MAUSS* (De la Reconnaissance: Don, Identité e Estime de Soi), nº 23, pp. 180-195.



- RUGIU, A. **Nostalgia do mestre artesão**. Campinas, Autores Associados, 1998.
- SANDEL, Michael. **Liberalism and the Limits of Justice**, Cambridge, University Press. 1982.
- SILVA, Aline Ferreira da. **Etnodesenvolvimento Quilombola no Governo Lula**. 2011. 193 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-graduação em Sociologia-PPGS. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão.
- STAVENHAGEN, R. **Etnodesenvolvimento: uma dimensão ignorada no pensamento desenvolvimentista**. Anuário Antropológico. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro. 1984.
- TARROW, S. ***The language of contention: revolutions in words*** 1688-2012. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- TAYLOR, Charles. **Multiculturalism and the “Politics of Recognition”**, Princeton, Princeton University Press. 1992.
- TAYLOR, Charles. **Multiculturalismo: examinando a política de reconhecimento**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- TUBALDINI, Maria Aparecida dos Santos. **O trabalho pluriativo da mulher quilombola na recuperação ambiental e manutenção da família no Vale do Rio Doce/MG**. 4º Encontro da rede de estudos rurais, Curitiba/PR 2010.
- YOUNG, Iris Marion. **Representação Política, Identidade e Minorias**. Do original (Capítulo 4) Inclusion and democracy. Oxford University Press. Lua Nova. Tradução de Alexandre Morales. 2000.